



CAOS E CORAÇÃO

Ana Paula de Sant'Ana*
Instituto Cuiabá de Ensino e Cultura– ICEC
empoema@gmail.com

RESUMO: Procuo nesse artigo desvelar conceitos sobre a liberdade e o efeito de uma civilização situada na contemporaneidade. No entanto, essa é uma pesquisa que ocorre em um Estado longe das metrópoles do país, em Mato Grosso, precisamente em sua capital Cuiabá. Traço uma linha de pensamento junto às entrevistas realizadas com punks que moram na cidade, somando isso ao pensamento crítico de vários autores que percebem a mesma contradição: o novo já vem idealizado por um modelo, mórfico, o costume formatando os atos até torná-los mecanicamente repetitivos quando exaustivamente retiram da vida a sua própria vitalidade; em contraposição a existência do punk na cidade e a relação de seu inconformismo com essa apatia, sua voluntariosa impetuosidade em causar desconforto e a percepção de que sua forma de agir-político baseada no comportamento, na ação do dia a dia, é uma atuação micropolítica de urgência.

PALAVRAS-CHAVE: História – Punk – Contemporaneidade – Política – Resistência

CHAOS AND HEART

ABSTRACT: I'm looking for this article uncover concepts on freedom and the effect of civilization in the contemporary. However, this is research that occurs in a State away from big cities, in Mato Grosso, specifically in Cuiabá. Tracing a line of thought with interviews with punks who lives in the city, adding to it critical thought of several authors who realize the same contradiction: new is the same, fixed, the custom subtract of the life his own vitality; in contrast the existence of punk in the city and the relationship his impatience with such apathy, his eager impetuosity to cause discomfort and the perception that their form of political action based in his bad behavior, into to the action in everyday is a performance micro policy of urgency.

KEYWORDS: History – Punk – Contemporaneity – Policy – Resistance

A gente não tem medo de perder, porque a
gente não tem nada.

Shebba – punk de Cuiabá

* Doutora pela PUCSP pelo Núcleo de Subjetividade no Programa de Psicologia Clínica. Esse artigo é adaptado da pesquisa realizada no Mestrado em Estudos Linguísticos e Culturais, na UFMT. Bolsista da CAPES.

A liberdade, a imagem, os vínculos sociais e familiares, o anonimato do espaço público, a esperança – em que ponto ou até que ponto o homem é capaz de perder para ser livre?

O fato é que edificamos a razão nos pilares de nossa sociedade moderna; que a liberdade, a segurança e a ordem presidiram os campos vivenciais; e que a resposta na contemporaneidade foi a exaltação da liberdade individual – outrora responsabilizada como inimiga do bem-comum – numa proporção devastadora e ávida por prazer após se livrar da repressão imposta. Na seguinte citação, retirada do artigo escrito por Miguel Bezerra, “A cultura no corpo do Teatro da Crueldade”, pode-se perceber uma rejeição à rigidez moderna e uma limitação às suas prioridades racionais:

Há aí uma recusa do Eu metafísico, desse Eu que pode ser inspecionado e classificado com bases racionais, desse Eu fechado sobre si próprio, auto-referendado, uno e indissoluto, desse Eu que deu origem à idéia de sujeito, desse Eu coroado e banhado em luzes por um intelecto desencarnado, dessa identidade formada a partir de oposições binárias de classificação, dessa configuração racional de uma identidade sedentária, estável e passível de ser sistematizada, enfim de um Eu formado por uma razão sem sangue e sem carne. Mas é na sombra desse Eu, na penumbra dessa pretensiosa luz que a vida explode, e explode em tonalidades e intensidades jamais previstas; em compulsões e epilepsias que fariam trincar as lentes e as régua de qualquer matemático; diríamos até que com possibilidades reais de alçar o impossível em bárbaras danças que o império recusou-se a ver.¹

Ganhamos em quê? Liberdade de expressão, possibilidades de ascensão social, liberdade religiosa e sexual, coaguladas pelo simulacro da realidade, pela politicagem do mercado, dos movimentos sociais e dos representantes políticos, numa troca sanguínea em que o poder é a essência da vida-morte.

Ao abandonar a técnica valorizada no período anterior, a liberdade distribui alternativas para os cidadãos utilizarem o repertório produzido, canalizando o desejo lentamente, como um vampiro que se fortifica com o sangue de sua vida. O individualismo é o que colocou não em contraposição à liberdade, mas como uma acoplagem, fator existente, portanto real, nos espaços público, privado, universal e urbano. Com esses dois conceitos, do molar e do molecular, do novo renascendo na repetição comportamental no âmbito social, como manter amarradas essas esferas na

¹ Artigo de Miguel Bezerra apresentado no GELCO em 2008.

contemporaneidade – do novo brotando no ventre do arcaico e da força molar desse arcaico reproduzindo-se na subjetividade do novo que se inventa – ou, que aspectos do interesse individual se resguardam e não se curvam ao coletivo e como o coletivo preenche cinesteticamente o indivíduo – o seu inconsciente maquínico, os devires? E o que seria, ou será – da vontade coletiva se se predispusesse ao desejo individual?

A multidão é a potência dos corpos, o fremir dos desejos, as moléculas agitadas – quando compostas pela resistência, são tomadas pela potência e em determinado momento arrebentam os laços em uma insurreição, cortam as amarras. Como diz Aranha² “é fremir, uma pulsão que não pode ser contida e não se sabe onde vai dar, porque é uma colisão coletiva”. Não uma unidade, mas um conjunto de unidades que isoladas são plenas de multidão, porque cada corpo o é em sua particularidade. Não pode ser passível de representação, pois é o ser em deriva, a própria carne que responde. A multidão é o que é e se faz continuamente em sua práxis. Ela absorve em seu corpo as subjetividades dos corpos que a formam; e sua singularidade se torna estatística de venda, estratégia de marketing através das medições do perfil do consumidor, do cidadão, do cliente, do eleitor. Assim se pretende as maquinarias do Estado em colheita de subjetividades, matéria-prima da produção dos desejos, criadora do globo, da hiper-realidade, do simulacro. É desse jeito que Aranha percebe a apreensão do punk, pode ser apreendido pelo sistema, cooptado, mas esse não tem nada com o punk e sua pulsação, é apenas uma representação deste, sua força, sua índole não pode ser capturada.

O ciclo da demanda e produção de mercadoria está no âmbito da vida, de sua potência criadora. Mas não há um movimento circular, a não ser aparentemente, porque a vida não pode ser controlada, não a sua potência intelectual, criativa, não a linguagem e o cotidiano. As explosões estão no êxodo, na saída, em alguma porta, sempre há uma porta, um ponto da infinita mata virgem do cérebro que não pode ser comandado. A vontade coletiva é essa vontade da multidão simultaneamente à vontade do uno que são todos. Dessa maneira, o desejo individual é operante na multidão, forma atômica do corpo, e é recriado por conexões coletivas provindas desse mesmo corpo isolado e pleno

² Aranha é punk que mora em Cuiabá, participou do movimento no último estágio da sua força maior, antes de se fragmentar, entre os anos 2000 e 2005.

da multidão, porque cada corpo-multidão o é em sua particularidade. Quando Corvo³ comenta sem disfarçar certa indignação com a juventude hoje é sobre isso que está falando:

Eu me correspondia com punks da Espanha, dos USA, e da Alemanha, além da Finlândia sem ao menos falar inglês, por carta, e será que eles não tem o Google tradutor, e podem fazer o mesmo? Ou será que a vida deles anda melhor hoje que a nossa nos anos 80, sem repressão policial, sem fome, sem morte, sem injustiça, sem desemprego, será que a única revolta dessa molecada é como os amores mal resolvidos, ou com a falta de sexo?⁴

É daqui que parto essa discussão, traçando o que é e como se configura a nova economia, apoiando-me em pensadores como Franco Berardi, Peter Pál Pelbart, Bataille e Guattari para endossá-los às condições do desejo, do impetuoso corpo que não se adere, da vitalidade que não se normatiza, em conjunto com as proposições de autores como Clastres, Deleuze, Hakim Bey e Gabriel Tarde e das entrevistas cedidas pelos punks e anarquistas de Cuiabá sobre temas e conceitos como Liberdade, Sistema, Realidade, Mecanismos de Controle e Fuga. Como os túneis acadêmicos se encontram à vivência do punk, no seu agir, na sua indeterminação causada pelas correntezas que o levam: o puramente utópico à condição real da vivência, o pensamento extinguindo o corpo e materializando novamente no possível, afinal, como ser punk o tempo todo, como existir em eterna linha de fuga.

Esse encaminhamento vem sugerir uma simetria de pensamentos tanto de uma visão acadêmica, conceituada por filósofos e antropólogos contemporâneos escolhidos para esse entendimento, como também de uma percepção de membros da sociedade, denominados por Franco Berardi como “mentes sub-globais” de um “sistema vivo”.⁵

Como é revisto por muitos autores, permito-me recorrer à explicação sobre mente global e mentes sub-globais para figurar sua compreensão sobre o que vem a ser a nova economia: uma complexa rede de sistemas informativos e comunicacionais

³ Corvo foi extremamente importante para a produção dessa pesquisa, estava no surgimento do movimento, e dentre os outros punks tinha a qualidade de ser uma abertura ao mesmo, sempre apresentando som aos mais novos, e incentivando o conhecimento sobre as ideias punk. Comigo se portou da mesma maneira, apresentando-me as pessoas com as quais deveria conversar, dando-me inúmeros zines e cd's.

⁴ Depoimento de Corvo.

⁵ BERARDI, Franco (Bifo). **A fábrica de infelicidade** – Trabalho cognitivo e crise da new economy. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

interligados em fluxos aos cérebros humanos. Nessa rede infindável não é possível que as partes compreendam o todo, assim como os pensamentos particulares ficam imperceptíveis aos mesmos que compõem a rede.

O resultado é uma combinação que não limita o comportamento ou suas ações subsequentes, pois isso não é apenas um somatório, é muito mais, é um jogo de combinatórias espontâneas das atividades das mentes componentes.

Quando se fala dos punks, visualiza-se uma teia comunicacional que se libera em tempos múltiplos: em funcionamento social, através de uma iconografia mítica e relativamente fechada, com revisões que passam por uma iniciação de seus códigos ou não, quando é proposto ao gosto dos fluxos de passagem ou reterritorialização. Há, ainda, o vaivém do pensamento e suas extrapolações, como o pensamento que nunca foi pensado, o inatingível e impossível de ser codificado por esses corpos tomados pela ambiguidade e indeterminação, pois a espontaneidade não pode ser esquadrinhada, e seu comportamento sendo espontâneo, não pode ser simétrico.

Essa assimetria se escancara na sociedade moderna. Opondo-se, surge a força contrária do poder hegemônico tentando manter o domínio: a conquista do espaço extraterrestre foi substituída pela conquista do espaço interno, da alma e do pensamento, a mente humana é a evolução no caminho do capitalismo. De outro viés, a informação orienta a sociedade provinda da nova economia, se destituindo cada vez mais do significado – quanto mais informação, tanto menos significado, para que se possa acelerar sua fluidez.

Pelbart se inspira em Bataille para compreender essa realidade do mundo em que vivemos e que se baseia no campo

... da utilidade, do acúmulo, do encadeamento da duração, da operação subordinada, das obras úteis, em contraposição a essa dose de acaso, de arbitrário, de esplendor inútil, fasto ou nefasto que já não aparece em formas rituais consagradas exteriormente, como em outros tempos, mas em momentos e estados difusos e subjetivos, de não servilidade, de gratuidade milagrosa, de dispêndio ou apenas dissipação.⁶

É com o princípio da utilidade que Bataille abre seu livro “Noção de despesa”. Para Bataille, o útil é falseado nas interlocuções e opiniões representadas, pois nas

⁶ PELBART, Peter Pál. **Vida capital** – Ensaios de biopolítica. São Paulo: Iluminura, 2003, p. 35.

atuais circunstâncias é impossível descrevê-lo, porque o prazer intenso daí retirado e classificado como patológico.

O prazer, quer se trate de arte, de desregramento admitido ou de jogo, é definitivamente reduzido, nas representações intelectuais que estão em curso, a uma concessão, ou seja, a um descanso cujo papel seria subsidiário. A parte mais apreciável da vida é dada como condição – às vezes inclusive como a condição lamentável – da atividade social produtiva.⁷

E assim se forma o abismo entre o almejado e o rotineiro, onde o desejo entra no limiar do sacrifício e do inalcançável, deixando espaço para o desenvolvimento de inúmeros fatores socioeconômicos; e sob essas condições o desejo e o prazer podem ficar relegados aos costumes, amedrontamentos e ilusões. Sob essa ótica, o mundo como reflexo da mente se firma numa indústria com intuito de normalizá-la, para pacificá-la, apoiada na credence de que o espírito da evolução necessita da ordem e do progresso, do utilitarismo, e teria como consequência um grau elevado de bem-estar e de felicidade.

Justamente essa felicidade é recusada entre os punks, a felicidade do consumo, a felicidade que está sempre à frente, e nos classifica numa categoria sub-liminar, em uma roda de hamster: o caminho em círculos que não chega a lugar algum, porque o que se persegue não está ligado ao desejo e da vontade própria, e sim a uma padronização de desejos. O desejo é a vontade, é o devir da vida, o que está dissociado do aparelhamento global, da imagem ou do *status*. Desligado dos códigos de identificação de determinado grupo que se presta a uma diferenciação entre outros. Os punks de Cuiabá sentiram na pele, em plena década de 1980, e mesmo mais recentemente, o que significa contrariar a ordem ou a normatividade, nos dias quentes vestidos com seus jacos de couro, cabelos eriçados e olhares em riste, em pleno centro velho da cidade, chamavam atenção. Enquanto Aranha ri dizendo que já foi chamado até de capeta, Corvo conta orgulhoso sobre como esse momento, o de preparar um visual que é único, era motivo de vaidade: se instalava ali nesse encontro fluxos de força, de desejo que transpassavam qualquer movimento contrário de negação, de preconceito, de reprovação.

Se por um lado essa felicidade surge na obrigatoriedade e na aquisição do código estabelecido que determinada o pertencimento, apenas tendo que se guiar por

⁷ BATAILLE. Georges. **A parte maldita** – A noção de despesa. Rio de Janeiro: Imago, 1967, p. 28.

algumas regras, por outro, há que se lembrar que as regras se perpetuam em nós, de forma independente, por processo de imitação, gerando grupos sociais, em que se percebem as diferenças sociais.

A liberdade em uma sociedade que discrimina possui cidadãos livres? Essa sociedade que controla as vias públicas com câmeras, que ao buscar eliminar o crime acaba por tornar o desconhecido suspeito, que classifica seus indivíduos em grupos como forma de controle, que acredita em um ordenamento que possa servir a todos: segurança e harmonia têm uma liberdade vigiada.

O princípio da perda é a atividade dos seres humanos que não se coliga a uma utilidade coletiva. Note-se o consumo dividido em duas partes: a primeira, quando se utiliza o mínimo necessário para a permanência da vida e a sua capacidade de gerar produção; a segunda se estabelece nas despesas improdutivas, ou seja, nas atividades cuja finalidade assenta em si mesmas como “... o luxo, os enterros, as guerras, os cultos, as construções de monumentos suntuários, os jogos, os espetáculos, as artes, a atividade sexual perversa (isto é, desviada de sua finalidade genital)”.⁸ Quando penso nos punks com os quais me envolvi, os punks de Cuiabá, nesse contexto de despesa, lembro-me da música que não pode agradar a todos os ouvidos, das roupas que são costuradas ou retalhadas, dos shows em que a galera poga e que tem um dispêndio de energia; mas me lembro também da escolha em abandonar o direito de participação na sociedade, um devir destruindo e construindo uma nova postura.

Esse não querer nada dito por Shebba é pleno no sentido utilizado por Bataille e parece revogar o fato de que soberano é aquele que não tem utilidade e dispõe de seu tempo abusando dos recursos do mundo ou desapossando os outros – ele é como um rei, dado ao desperdício de recursos e como um senhor do próprio tempo, vive o instante e não se preocupa com nada mais, a não ser o prazer, o devir-prazer viril da natureza.

O prazer da soberania vem do profundo desejo do homem. Aquele desejo que foi transformado – necessidades em série, cabíveis na publicidade, por exemplo –, e que deu margem ao capitalismo para que a subordinação e a castração fossem não só aceitáveis, mas necessárias. Apesar da crença no positivismo, na civilização ordenada para determinados fins, no culto ao lucro, a relação humana entrou em um

⁸ BATAILLE. Georges. **A parte maldita** – A noção de despesa. Rio de Janeiro: Imago, 1967, p. 30.

processo de defasagem afetiva. Em vez de prazer e segurança, encontrou-se um prazer embalado, com margens reguladas e uma paranoia em relação ao outro. A liberdade se torna necessária, pois sem ela o capitalismo não tem espaço para se expandir. A liberdade agora é vinculada à possibilidade de produção e distribuição de bens.

Há uma deserotização da vida, e o trabalho foi parte dos meandros para atingir o estágio de depuração, de remoção. O trabalho na sua primariedade industrial, substancialmente mecânico, tedioso, dentro de uma estrutura hierárquica, em que o homem e a mulher realizam movimentos repetitivos que nada exigiam de sua capacidade intelectual. A digitalização, em contraposição, modifica a relação de sua execução e o desejo é tão alterado quanto a lógica do trabalho. Se antes o desejo estava longe da ideia de trabalho e, conseqüentemente, do capital, na nova esfera econômica o desejo está na autorrealização do trabalho e fora desse campo não há desejo, nem impulso vital. Extremo mais perceptível na sociedade. Deleuze, no entanto, fala do contágio e da invenção como possibilidade de erupção dos desejos.

Temos diferentes discussões, aqui propostas por inúmeros estudos em simultaneidade com o grito de revolta dos punks. A mutilação do desejo; a liberdade refrigerada e embalada dos anúncios publicitários somados à controvérsia e questionamento do que vem, realmente, a ser a liberdade; a despersonalização e as resistências individuais e coletivas são características do mesmo ser que criamos, do sistema vivo agora chamado de hiper-capitalismo, que tem a capacidade de se desdobrar, de absorver, deglutir, mastigar, de se camuflar. A sua força tem poder para criar novas necessidades e faz dos aspectos afetivos e sensíveis uma possibilidade de produtos para o mercado. Um labirinto onde está em jogo a vida no sentido pleno e que abre caminho aos espetáculos e simulacros.

O que eles fazem ecoar são perguntas como: o indivíduo, onde se encontra? É fonte, é o âmago do capitalismo? Ou é dele que surgem as comunidades e as tribos da cidade? Há resistência ou – em que limite – o capitalismo pode ser enfraquecido em seu domínio sobre as subjetividades?

O saber local ressurgiu em relação ao afogamento que os dados, as medições, as regras propiciaram, são mecanismos de controle a serviço de uma ordem e uma normatização para uma pretensa padronização – leia-se refreamento das subjetividades, impositação frenética, porém articulada, dos desejos – do prazer, da alegria, da essência

de vida. A equidade, o reconhecimento dos direitos e, importante dizer, do reconhecimento social, é influenciada em todo momento, pelos instrumentos de comunicação, pelo contato direto – inclusive o pesquisador. O intelectual tem a possibilidade de se infiltrar nesses aparelhos e coincidir sua pesquisa social em âmbito que ultrapassa os muros acadêmicos e dá ponto de início para a discussão do próprio meio social pesquisado.

O desvio é risco, porque atinge um ponto que se deixará como que ao sabor do vento, dos desejos internos. Escapará ao comportamento esperado e estabelecido, não só da máquina maior, da economia engendrada, do capitalismo, mas aos olhares dos iguais, do vizinho, do outro. Guattari compreende que o sistema não se funda e termina em uma horizontalidade imperturbável e dogmática, mas transcende o sistema operacional pelas subjetividades e singularidades que, se adormecidas, podem ser despertas. Rearticulando-se em microestados sistêmicos, invisíveis ao poder para restaurarem uma “revolução molecular”, formam os agenciamentos, constituídos por sujeitos que existem em todos os lugares, mesmo que apenas potencialmente capazes de desestruturar os “estados de equilíbrio, as ‘chaves’ sistêmicas”.⁹

As chaves têm o poder de abrir a subjetividade em alcance múltiplo, fora de seu espaço de origem, e por isso mesmo tornam o sistema indeterminado – há um jogo de disputa de poder e resistência. É por isso que as singularidades, a contragosto da força capitalista, não pode ser trancada, ainda que possa ser subtraída, assimilada, associada, ignorada. Portanto, aparece uma espécie de oposição ao predomínio das linguagens padronizadas estabelecidas, e segrega a vida e o sentimento humano ao reduzi-lo à mercadoria, uma centelha não-contaminada pela ordem da tradição e dos costumes, pela felicidade somatizada pelo ter, pela obrigatoriedade de ser vencedor, de ser conquistador. A mercantilização dos desejos e os devires irão se debater em certo momento.

A revolução molecular é infinitesimal. Feito átomo. Porque ela se libera da linguagem e está mais para a abundância de significados semióticos. Essa captação dos sentidos é única, singular, não se prendendo às estruturas nem em relação ao exterior, nem na inter-relação que é estabelecida entre os indivíduos, ainda que seja essencial que

⁹ GUATTARI, Felix. **Revolução molecular**. São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 43.

nela se encontre de tudo; só sob essa condição se poderá dar conta de seu caráter heteróclito e de sua sujeição à sociedade de consumo. Alguma ação procedente do inconsciente pode ser tanto do passado, mas pode ser também desapegada e exaltada no presente. Sua formulação do conteúdo não é só independente da temporalidade, como o é também do espaço. Sendo assim, cada localidade possibilita novos conteúdos de discernimento individual ou coletivo.

Não sendo mais mantida em uma identidade fixa posso ser eu e posso ser o outro. Cada um é habitado por esse inconsciente maquínico que nos perpassa de intensidades constituídas e, na visão de Guattari, é “um nó de interações maquínicas através da qual somos articulados a todos os sistemas de potência e a todas as formações de poder que nos cercam”.¹⁰

É o inconsciente maquínico que irá armar contra a funcionalidade do poder em que a economia se sobrepuja nessa conquista do desejo, pelas forças produtivas. Em oposição ao enrijecimento de valores, ao controle de desejos, o capitalismo é ser mutante em suas formas. Ainda que seja alvo de repúdio, ele se transfigura e se adapta às novas posturas que apontam. Enorme, seus tentáculos alcançam meandros submersos, obscuros, a mente humana e suas funções vitais. Transluz em suas cores o resplendor da imagem do eu, do outro, do desconhecido. Se desterritorializa, integrando o mundo; mas chega desrespeitando os modos antigos de vida. Ardiloso e vivaz. Assim mesmo, consulta a todo tempo, pergunta sempre o que é o melhor para todos quando já sabe, já programou o que devem responder. Está fortalecido, pois não se pode mirá-lo.

É justamente esse o campo de guerra combatido pelo punk, e que na atualidade se reconfigura juntamente com as modificações do sistema, não se liberando, inclusive, da apatia que asfixia, da comercialização de seu modo de vida, do sensacionalismo na mídia, da perda de sentido, e tentando resistir à massificação desde a década de 80 nas letras das músicas, na velocidade musical que não se adequa aos gostos comerciais, e principalmente, na tentativa de formular outro tipo de sociedade que não esta que se apresenta, mesmo que isso signifique lidar com contradições.

Quanto ao trabalho, parece ouvir as vozes clamantes por liberdade e horas livres. Afinal, é do seu interesse e as vontades sindicais se igualam à diminuição do

¹⁰ GUATTARI, Felix. **Revolução molecular**. São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 170-171.

tempo de trabalho, desde que seu tempo de lazer lhes traga possibilidades de desenvolvimento produtivo. Contanto que se respire nos espaços que não os econômicos – os espaços sociais –, atividades não imediatamente produtivas, mas capazes de manter e desenvolver suas competências, economicamente recuperáveis. O ambiente exige que ele seja assim. Passada a fase de expansão geográfica, ganha terreno no corpo e na alma humana. Ele se questiona e se põe à prova.

Os ataques sofridos são chamados de crise, mas são reconfigurações para seu livre funcionamento. Não é protecionista de grupo algum, protege, isso sim, os modos de produção e do controle social, apoiado sempre na livre escolha. Os grandes custos com o controle foram trocados pela autovigilância e pela observação crítica do outro.

Assim se armou estrategicamente a fortaleza do capitalismo. Guattari ainda pergunta: “Até onde pode ir essa revolução molecular?”.¹¹ Que forças haveriam de desestruturá-lo se ele tudo assume, incorpora? Movimentos sindicais ou o gueto tem a pedra derradeira? Ou: o que deve compor o grupo de ataque para desestabilizá-lo? Talvez seja nessa linha fronteira com o biopoder do capitalismo que o movimento punk perde sua potência, pois toda a voz se torna eco, torna singularidade se torna imagem aprisionada. A forma de produção do capitalismo colide com a vida plena, os desejos íntegros dos grupos sociais. Mas todo o campo do devir dos grupos não se adapta, e em certo momento vêm a explodir com todas as normatizações, e se não destrói o muro vem a machucá-lo, cria constrangimento mesmo que se tornem fatos nos meios de comunicação.

Para essas questões, Guattari propõe que os agenciamentos potencialmente revolucionários venham se articular a partir do seu grupo de interesse. O desejo é o combustível da luta dos grupos, a intensidade dos ideais. Um problema identificado por ele é a relação dos porta-vozes dos grupos. Parece-me que a rigidez do papel fixo absorvido por eles causa uma retração no poder revolucionário que deveriam ter. É uma temeridade que o teor necessário para a revolução molecular esfrie. Novamente observo que é o comportamento pessoal, do próprio indivíduo, a essência da combustão de luta. Pois, afinal, se se repetem velhos modelos de comportamento, nada mais pode acontecer a não ser resultados obsoletos e ineficazes. Uma repetição tediosa do medo da libertação

¹¹ GUATTARI, Felix. **Revolução molecular**. São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 76.

dos desejos, um desrespeito às singularidades. Ou seja, os grupos com potencial revolucionário se perderiam em questões burocráticas, hierárquicas, absolutas como o são os equipamentos de poder. A consequência é um trabalho que fortalece a chamada revolução molar, a ordem do sistema, ao alimentá-la a agir de forma mecânica.

Da mesma maneira, Bey descreve a condição para essa revolução molecular ou sabotagem:

[...] uma postura realista exige não apenas que desistamos de esperar pela “Revolução”, mas também que desistamos de desejá-la. “Levantes”, sim – sempre que possível, até mesmo com o risco de violência. Os espasmos do Estado Simulado serão “espetaculares”, mas na maioria dos casos a tática mais radical será a recusa de participar da violência espetacular, retirar-se da área de simulação, desaparece.¹²

Um princípio, portanto, é a própria movimentação vital e altamente questionadora das formas impostas.

De acordo com Hakim Bey, autor que utiliza esse codinome e tem identidade secreta – ato coerente com sua teoria do Caos e do Terrorismo Poético – o imediatismo, a invisibilidade são ações que ele sugere aos agentes do caos, aos terroristas poéticos como a revolução da própria pele, um brado em prol da insurreição ao descartar a ideia de revolução.

A atividade primordial da ação dos sabotadores do sistema é, para Bey, desestruturar os poderes de maneira audaz em relação aos velhos modos de se constituir uma luta política revolucionária, também criticada por Guattari. Foi assim que o punk em Cuiabá agiu quando em sua força maior: geralmente com forte teor irônico, como quando tomava as ruas nos dias 7 de setembro seguindo as fanfarras institucionais.

Bey diz que a arte é crime, mas o artista não deve ser pego. Essa é a diferença, para o autor, entre o ato do delinquente e o ato dos sabotadores: o terrorista poético arma prazerosamente a rebelião, o acontecimento tem teor festivo de evocação à alegria, contrariamente à rigidez e ao monopólio das instituições ou dos grupos. Inclusive a ideia de revolução, de transição de uma forma de poder para outra qualquer, não é libertária, porque se prende à tentativa de permanência, enquanto o ideal é a insurreição,

¹² BEY, Hakim. **Terrorismo poético e outros crimes exemplares**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2003, p. 18.

essa sim fluida e espontânea. Ato desse tipo foi o cometido pela Geleia do Asfalto, com suas pixações literárias em frente às empresas ou órgãos do governo.

As normas para o ataque poético se desvinculam de deveres, sendo uma exaltação ao prazer. Não há um sentido de obrigatoriedade no encontro entre os participantes, mas a comunhão que lhes permite o conhecimento do outro. Já nas ações propriamente ditas, estas se realizam pelas duas faces da moeda: pela junção de Deus e do demônio, no poder de destruição para a criação do deus hindu Shiva. O poder da criação e da destruição é necessário para a mobilidade, para que não se petrifique a conquista do novo, porque este, afinal, só se conserva fresco se for destruído. A transformação da vida cotidiana surge na essência de cada indivíduo, de acordo com o desejo íntimo e se coletiviza quando atinge o deleite e a satisfação mútua. A sabotagem é a perda da referência do eu – deve ser espontânea, e sua energia, movimento. Não há aplauso, pois a arte-sabotagem se dispersa nas avenidas e entre as pessoas, dissimulando o artista como um passante qualquer. Sua ação é desavisada e desprevenida. A poesia se inflama de vida e a arte convencional e trancafiada corre risco com a sabotagem. Não é crime contra a arte, mas provocação inflamada e inflamável. O terrorismo é performático, deixa seu recado como uma metáfora. É delirante. Não à violência que é parte da ação midiática, e sim ao atropelamento dos valores com palavrórios vomitados. Presenteiam-se as vítimas com a vida cotidiana contrária ao sonho espetacular que a mídia propaga.

Em Cuiabá, o terrorismo poético aconteceu principalmente na década de 90, como conta Cláudio Dias, punk do Coletivo Cultural Libertário:

A gente fazia tipo uma performance, tipo colocar um militar encoleirado por um burguês, né... Essa coisa... Cão de guarda da burguesia, né? E aí a gente fez um panfleto, acho que até o Jomar que fez a arte, que era charge, que era uma coisa mais de humor, a gente mexia com essa questão do lúdico, a gente aparecia tocando também, parodiando uma fanfarra. Eram umas vinte, trinta pessoas, a gente pegava a rasteira do desfile, né? Entrava na avenida, em 94 nós entramos. No final sofremos uma repressão... Os caras foram lá, mas não tinha o que fazer, pegaram a coleira nossa... Eram ações de panfletagem propagandística que a gente fazia. 13 de maio a gente fazia, na época do próprio MUC, transição MUC – Coletivo, né? Rodolfo fazia charge, a gente ia fazer panfletagem, falar sobre a escravidão, que a escravidão continuava até hoje, fazer uma denúncia assim... A gente fazia ali naquela roda da Praça da Republica, época de Natal, a gente fazia na época do Coletivo, contra o consumismo... Mas tradicional era o 7 de setembro. Durante uns três ou quatro anos

nós fizemos todo ano. Era sempre falar que a independência era uma farsa, que a independência foi comprada, que não éramos independentes de fato, e a questão do militarismo, né? E as bandeiras do movimento punk: armas não matam a fome, esses slogans assim... E fazíamos a pixação antes, amanhecia 7 de setembro e a cidade já estava no centro com algumas pixações, a galera que fosse subindo já ia vendo as pichações.

De acordo com Hakim Bey, os inimigos a serem derrotados nada mais são que aqueles que vendem a imagem da ordem, apropriando-se inclusive das manifestações desordeiras da sabotagem para aliá-las ao discurso das normas. Os artistas que proliferam a miséria ou mesmo aqueles que querem se integrar ao Caos são alvo de crítica.

Há que se tornar máquina de guerra para desfrutar a sociedade. Porque só a máquina de guerra é invisível e não se reitera aos princípios dogmáticos. O primeiro passo é percebê-la, diferenciar os atos e atacar. O ataque é moral, contra a sua parafernália e a defesa é ser invisível. Ao descrever a Zona Autônoma Temporária, Bey pergunta como o mundo acaba se endireitando e defende insurreição em relação à Revolução. O levante, a insurreição como algo interminável é oposição à formação de um outro Estado mais forte que o anterior, vencido, e foge do ciclo eterno da Revolução, da tomada de poder por grupos diferentes que se alternam e permanecem dentro dos mesmos vícios.

Vejo como exemplo da possibilidade de ocorrência da TAZ o invadido¹³ dos punks na década de 1980, quando tomaram o prédio de órgãos do Estado, e também o Coletivo Cultural, funcionando como espaço para discussões teóricas e práticas contra a ordem estatal, inclusive zombando da data da Independência do Brasil e do Exército. Do mesmo modo, o grupo organizado de pichação Geléia do Asfalto, dos anos 90, que escrevia em frente a locais estratégicos frases de poetas e escritores brasileiros em frente a locais estratégicos.

Esse comportamento rebelde seria como uma vivência do sonho de liberdade plena, uma possibilidade de vivenciar esse futuro neste momento. Porém, para que essa possibilidade se afirme, não se pode correr o risco de ser apanhado pelo Estado, pela polícia. Acredito que essa apreensão a que se refere Bey não é apenas ser assaltado de

¹³ Invadido ou *squatter*, ato de tomar prédios públicos com fins políticos.

maneira física, mas sim uma imposição de singularidade graças aos mecanismos de pertencimento e de identidade que a lógica do simulacro do Estado oferece, o confisco da alma e dos desejos que citei anteriormente, que podem ser distribuídos, após captura, como produto. A “máquina de guerra nômade conquista sem ser notada”¹⁴ e essa é a primeira condição da sua força e eficiência.

Bey procura indicar como a TAZ deve se movimentar, detentora de certas estratégias que incluem não apenas ser propulsora de reação, mas o uso da inteligência visionária que mira uma sociedade outra.

A mídia mais uma vez aparece como provável agravante da sociedade do simulacro e sua finalidade é percebida como transformadora de impulsos em mercadoria. Por essa razão a mídia é tão atacada no manifesto da Zona Autônoma Temporária, sendo o segundo ponto de prioridade de estratégia.

O nomadismo é a terceira via para o fortalecimento da TAZ. Bey sugere tanto a invisibilidade quanto a possibilidade de se manter alterável e maleável, aspectos fundados na ação festiva e na rejeição a se deixar assimilar pela mídia. É a revolução de todo dia e a sede de vida que rege a fluidez da ação guiada sempre para o estado positivo da ação empreendida, o que significa dizer que a negação de algum valor social deve ser não apenas abolido, mas deve ser oferecida outra maneira de vivenciar os fatores sociais.

Talvez por isso os bandos, como Bey prefere nomear essa ordem de grupo, como o são os punks, são válvulas de destruição e criação. Destituindo o normal e duvidando dele, porém, e sobretudo, incorporando no comportamento as atitudes afins para a potencialidade de uma nova organização.

A produção do homem, podendo ela ser material, é de sua essência criadora a natureza das coisas por ele realizada. Conseqüentemente, não há como dividir os termos sociais – como algo artificial – do próprio homem, que avança de dentro de sua própria natureza, dos seus sentidos desejantes, para a invenção que é reformulada constantemente no social.

Em um embate dos seus criadores com a criação social, sublimam toda espécie de desejos incompatíveis, arrastados e encaixados nos formatos aceitáveis: ciclo eterno

¹⁴ Anarcopunk que mora em Cuiabá.

de subjugação dos desejos, momento de explosão e surto de experimentação de novos modos de viver em sociedade, amarrados no sistema capitalista pela obrigatoriedade da produtividade: tanto do corpo produtor quanto do consumo. O momento derradeiro constitui-se na desordem, na negação e socialmente se compreende pelas erupções em que não se pode prever a sua força.

Na camada social ocorrem essas maquinações de maneira difusa, funcionando, como já observado por muitos pesquisadores, não como contracultura, mas sim como subsistema de um sistema geral. Melucci reconhece que o campo social sofreu intensas modificações e, com elas, o entendimento dos movimentos sociais se faz a partir de outros valores, como os caracteres temporários, ou seja, os grupos não são estanques e os indivíduos que o formam são alterados. Posso acrescentar que tanto em essência física, trocando de atores sociais, quanto esses mesmos indivíduos, passam por diversas modificações internas.

A linha de fuga é a fuga do limite dado segundo Deleuze. A fuga é o abandono do recapitular histórico para o risco de naufrágio contido na evasão do domínio do imaginário. Com a fuga, o fugitivo leva junto a desterritorialização.

A desterritorialização e a fuga contêm um risco e esse risco é a reterritorialização, o comum, o devir à apreensão sistemática dos enquadramentos do sistema, da família, das normas e da boa educação. Mas leva também à loucura, à delinqüência. Não há como escapar deles, assim como não se pode sabê-los com antecedência. A única possibilidade é a sorte de ter o poder de começar novamente, na linha rompida. Deleuze empunha a linha de fuga como algo demoníaco. Próprio dos demônios, que ao contrário dos deuses não possuem temperamento, códigos ou personalidades fixas. Mas é a regência em se jogar no desconhecido, abandonar pai, mãe, descartar o seguro, que abre as portas do próprio coração, a experimentação-vida. “Uma minoria nunca existe pronta, ela só se constitui sobre linhas de fuga que são tantas maneiras de avançar quanto de atacar” diz Deleuze.¹⁵

Mas transpostar para a vida social a linha de fuga é uma fuga da vida?

Se o fosse, não seria aplicável nesse momento. Pois é justamente a busca da vida, que diferencia o punk de outros movimentos sociais. O punk visto aqui, talvez de

¹⁵ DELEUZE, Gilles. **O anti-édipo**. São Paulo: Assírio e Alvim, 2010, p. 36.

maneira metafórica e inatingível, é o punk vestido para o ritual. Para a festa e todo o sortilégio de imprevistos na noite. É o punk que pode ser despedido porque não pode trabalhar com moicano. É o punk que vai trabalhar todos os dias, que talvez constitua sua família, mas dentro dele o gérmen já foi plantado, e ainda que ele se enquadre no sistema, porque na prática isso acontece, ele teve a chance de se jogar em um devir.

Não que haja impossibilidade de um punk ou outra pessoa de um grupo qualquer se tornar bandido. Isso seria justamente negar o próprio devir. Mas o punk é uma possibilidade de exercer o devir, o sonho e o delírio, de se deixar percorrer em linhas desconhecidas que marquem como trilha o corpo de quem se deixou envolver. Não só contradição da sociedade capitalista traz a evolução natural, mas as suas linhas de fuga extrapolam uma pretensa uniformização decorrente da ordem tecnocrata.

Somente o exercício do devir, que consiste em exercer as potencialidades da subjetividade, poda a eficácia do conjunto de mecanismos normativos: o hábito impregnado no comportamento doma a liberdade. Funciona como o esquizofrênico descrito por Deleuze: aquele que não guarda em sua memória o sentimento antigo, dando aos novos ou aos velhos acontecimentos uma recepção de origem primária, do nunca experienciado: os códigos não se acumulam, portanto, não se acumulam explicações.

Tanto os mecanismos do poder quanto os grupos de resistência têm como objetivo assegurar e resguardar a vida.

Em uma verificação das sociedades primitivas ou arcaicas, segundo pesquisa realizada por Pierre Clastres, é possível notar pontos em comum entre esse ideal e o modo de organização política dos índios, ainda que sejam rotuladas como sociedades sem Estado, sem mercado, portanto, de subsistência; e sociedades sem escrita, à primeira vista, parecem também não ter história. Também a visão de que as sociedades arcaicas sejam incompletas por não possuir aparelhamento estatal são rebatidas pelo autor. Perguntei aos entrevistados Daniel, Aranha e Edzar, todos ligados ao movimento na década de 90, sobre a ligação entre punks e o anarquismo e obtive diferentes respostas. Aranha, por exemplo, acredita que é essencialmente a dissolução do governo, pois ele é a base da diferenciação social, e como os punks nutrem aversão pelo poder, essa é uma explicação que se encaixa.

Interessante o diferencial da rebeldia e negação do poder do jovem burguês e do jovem de família trabalhadora. O último se indigna com o poder e obrigatoriedade do trabalho e das leis que o Estado representa, enquanto o jovem burguês se revolta contra a própria família. De qualquer forma, o jovem é, na maioria das vezes, tratado como identidade fixa tanto pela biologia, quanto pelo meio social em que se vê mais claramente nos meios de comunicação.

Em Cuiabá, no entanto, foco da pesquisa, o jovem punk é muitas vezes provido de família mais abastada, como bem ressalta o punk Babu: “por que só eu tenho que ir pro CPA, por que só eu não tenho dinheiro? Todos são burgueses, todos os punks de Cuiabá dos anos 90 eram burgueses”.¹⁶

O fato é que os jovens que iniciaram no movimento punk em Cuiabá continuam sua militância de alguma forma. Seja na vida pessoal incorporando o modo de vida ou ao menos tentando. Sua capacidade crítica é um diferencial. A isso atribuo um dos motivos de não se considerar o punk ou o movimento punk como sendo próprio da juventude, se foi incorporado na vida e no cotidiano, desfazendo velhos hábitos herdados, e carregando em seu seio o questionamento, mesmo com toda sorte de amarras que possam vir a sofrer tentando condizer o comportamento social com as posições ocupadas, seja no trabalho, no espaço público, no lazer e na família.

O descontentamento com o social ou com as possibilidades de exercer a subjetividade é a base da transformação social. É a potência. O princípio formador. Sendo, então, dentro do movimento anarquista, do movimento punk ou de outra articulação coletiva qualquer, ou mesmo individual, a negação é o princípio de força.

ESFERAS E REPRESENTAÇÕES

Dentro do sistema coexistem inúmeras esferas sociais que são os grupos interligados por afinidades, sobretudo, formados por indivíduos dessemelhantes. As representações sociais que regem a sociedade – economia, política, tradições, cultura – são todas invenções mutantes dos seus integrantes. Entre as esferas há marginalidades que uma produz sobre a outra. E os movimentos sociais contemporâneos são formados nessa zona de conflitos.

¹⁶ Babú morava em Cuiabá é artista plástico que trabalha em grafites com temática urbana e sociais.

Os conflitos, por sua vez, são tão alteráveis quanto o são os desejos de cada grupo e, aproximando-se ainda mais, de cada indivíduo que o conforma, não podendo dessa maneira ser visto vulgarmente como resposta à estrutura de representações.

No movimento punk, indivíduos ligados por laços afetivos e identificações no comportamento, na cultura, e no ideal trazem uma desconfiança para com o sistema normativo dominante que emana e conduz à aceitação e à passividade dos indivíduos. No entanto, é muito provável que, se for o punk denominado como movimento, dúvidas pairarão porque a sua rejeição ao sistema e suas normas sufocantes têm um alvo obscuro.

De que poder se fala? Qual é a alternativa proposta? O que seria uma sociedade libertária?

A alternativa seria uma sociedade em que a liberdade de expressão prevalecesse, em que os meios de comunicação alternativos seriam fundamentais para o alcance entre os grupos. Desvincular-se do protótipo da felicidade ligada à imagem e ao *status* e da necessidade de pertencimento e legitimação de um grupo opressor e hegemônico perante outro, dominado e subjugado, em que o seu universo simbólico seja tido como inferior diante do grupo hegemônico, acarretando a vontade de se descaracterizar e tornar-se o outro.

Sobre a definição dos movimentos sociais, Melucci traz esclarecimentos sobre os formatos que se diferenciam por especificidades em relação ao modo de lidar com o poder e as exigências em relação a ele. Seguindo a descrição proposta por esse autor, o anarquismo estaria localizado em um tipo de movimento social político. As características que o colocam nesse grupo de movimento seriam essencialmente a “luta pela ampliação da participação nas decisões”¹⁷ e a crítica ao jogo do poder que sempre tem um grupo dominante e se orienta para sempre estar em posição vantajosa. Sua intenção é melhorar e garantir acesso e participação nas decisões que o sistema político determina.

Os grupos dominantes buscam dissimular os conflitos ocorridos dentro do sistema dando a eles um caráter de crise passageira. Quando acontecem fenômenos

¹⁷ MELUCCI, Alberto. **A Invenção do Presente** – Movimentos Sociais nas Sociedades Complexas. Rio de Janeiro: Vozes, 2001, p. 41.

dessa natureza, tenta-se diminuir sua intensidade, muitas vezes cooptando-os. Em Cuiabá, por exemplo, acredito que a intimidade dos meios de comunicação com o grupo e algumas facilidades dadas por órgãos do governo podem ter amansado a violência e a rejeição em relação a eles.

Por outro lado, como o grupo se desfez várias vezes, creio que o renascer sempre trouxe de volta a carga do potencial explosivo. O rompimento, porém, fragmentou sua força política e simbiótica, tendo que se reiniciar e se recriar dentro de uma etapa nova de aprendizado. Se não houve grandes evoluções no âmbito político, também não houve enrijecimento e fixidez de uma suposta identidade.

Puramente cultural, pois quer atingir os mesmos fundamentos da sociedade sem procurar articular-se com a ordem existente. Daí o alto grau de complexibilidade na resolução dos conflitos, que são imateriais, não-quantificáveis, e de difícil solução, não chegando, portanto – teoricamente –, a nenhum resultado. A não ser no caso da mutação comportamental, que parece óbvio. Mas este é um aspecto lento, imperceptível, que dá margem à sua desqualificação. Como se houvesse necessidade de aceitação ou aprovação para que ele continuasse a existir e a traçar sua guerra no espaço micro, para travar sua conspiração embaixo dos olhos que, ainda assim, nada enxergam.

Parece ser como o jogo entre a repetição e a invenção descrita por Gabriel Tarde. Acreditar que não há potencial no comportamento é duvidar da fúria do desejo da alma, da inconstância dos seres. A ordem é apenas uma barreira vinda do desejo de outro grupo, mas o conflito sempre existirá.

PONTAS DO QUADRADO

Os punks estão aí. Para quem não os conhecem podem nem vir a saber. Os punks mesmo se reconhecem nos olhos. Uma imperfeição, uma ponta do quadrado, a exceção das estatísticas. Um estar na sociedade e poder dela fugir. Uma pulsão, um batimento cardíaco acelerado, o punk rock. O estranho, o viscoso. O que não pode ser retratado nem em um jornal, nem em uma pesquisa acadêmica, porque nada é como estar entre eles. Mergulhar na música. Os bares e a cerveja, a noite.

A diferença sempre foi relegada ao território sujo da desrazão, do meramente subjetivo. Pois o punk encarna a sujeira da desrazão, não só porque está nessa categoria

social, mas porque é presente, é vida, e sua adaptação ao sistema não o impede de existir em desejo e subjetividades que realmente se contrapõem ao sistema, com o grande conflito de continuar pertencendo, constituindo, o que significa ser também alterado por ele, mas, ainda assim, alterando-o.

Mas o homem com sua racionalidade, definindo o cientificismo como pensamento superior, talvez não tivesse como olhar para dentro de si e ver a culpa e a arrogância que vêm sendo alimentada de maneira coercitiva, de um lado para outro. Com aparelhamentos persuasivos e constantes. Mas o grito também vem junto na esfera desse espaço. Vem inclusive de dentro do próprio aparelhamento do Estado, às vezes amansado, quando se envelhece, em sua violência mais corporal, como a certeza de que em sua integridade, como primeiridade, ele pode renascer. É a este pulso da juventude que me refiro: a vivência, a entrega. O que acontece nesse envelhecimento é talvez a diminuição de um contato mais de impacto físico com o mundo. Mas é preciso dizer, o ideal punk se entranha é na alma. Carregando ou não em seu corpo o visual.

Se o possível é mais rico do que o real, isso se reflete na sociedade *ad infinitum*. Não há como parar o trem. E toda dimensão de força que queira barrar todas as outras forças é inválida e cômica, mas é parte do comportamento animal. Parte do natural. Que se entrelaça novamente, como em uma dança, às vezes, como um pogo.

É o sintoma do contágio, ele passa de corpo para corpo. Ele chega às camadas diferentes, entra nos aparelhos de comunicação oficiais e alternativos, contribuindo para acrescentar a outras individualidades, processo de imitação. A potência não deixa de existir e romper com a sequência, com a imitação. Explode o novo.

ARTIGO RECEBIDO EM ABRIL DE 2012.

PUBLICADO EM JUNHO DE 2014.